

Os mitos contra “a infâmia”: algumas considerações sobre os usos da mitologia na obra de Voltaire no contexto do combate aos abusos da religião

The myths against “the infamous”: some considerations regarding the uses of mythology in Voltaire’s work in the context of the combat against the abuses of religion

Laís Pazzetti Machado¹

Resumo

Sabe-se que o combate ao fanatismo religioso – ou, como ele o denominava, “*l’infâme*” – foi o grande combate da vida de Voltaire, uma luta à qual o filósofo dedicou a sua obra: disso dão testemunho os seus textos de teor filosófico, historiográfico, dramatúrgico, e até mesmo as correspondências trocadas com amigos. Neles, é possível ver uma variedade de recursos mobilizada para apontar os abusos da religião, desde fatos históricos até a análise de trechos de livros sagrados, especialmente no cenário da Europa cristã e moderna. Um desses recursos é nosso objeto de análise aqui, a saber, as apropriações de mitos gregos em uma linguagem anticlerical. Identificaremos como se forma a perspectiva voltairiana sobre mitos como os de Pandora, Psiquê e as Musas, mas nos ocuparemos principalmente do mito de Édipo, tal como aparece na peça *OEdipe*, feita por Voltaire como uma releitura da tragédia sofociana de *Édipo Rei*.

Palavras-chave: Voltaire; mitologia grega; Édipo.

Abstract

¹ Mestre em História pela UFMG e doutoranda em História pela UFMG. Bolsista CAPES. E-mail: laispazzetti@gmail.com.

It is known that the combat against religious fanaticism – or, as he called it, “*l’infâme*” – was the great combat of Voltaire’s life, a fight to which the philosopher dedicated his work: there are testimonies of this in his philosophical, historiographic, dramaturgic texts, and even in the correspondence he exchanged with friends. It is possible to see in those texts a variety of resources mobilized to single out the abuses of religion, from historical facts to the analysis of excerpts of sacred books, especially in the context of modern and christian Europe. One of these resources is our object of analysis here, that is, the appropriations of Greek myths in a anti-clerical language. We will identify how the Voltairean perspective regarding myths such as the myths of Pandora, Psyche and the Muses is formed, but we will focus mainly on the myth of OEdipus, as it appears in the play *OEdipe*, written by Voltaire as a reinterpretation of the Sophoclian tragedy *OEdipus Rex*.

Keywords: Voltaire; Greek mythology; OEdipus.

O mito: definição conceitual e sua ação contra a “infâmia”

O mito, ou, para usar o termo utilizado por Voltaire, a fábula (*fable*), tem um duplo estatuto em sua obra: se ele é frequentemente visto como um indício da falta de maturidade do espírito humano, uma relíquia das épocas em que se recorria ao sobrenatural e ao fantástico para explicar o mundo², ele pode ser, também, um objeto da apreciação de Voltaire por suas qualidades estéticas, literárias, e até mesmo pedagógicas. A faceta que a fábula terá depende de qual é o propósito do filósofo ao construir sua argumentação, e em favor de que causa ele a constrói.

No primeiro dos casos, a fábula, definida como “o relato dos fatos dados como falsos”³, é um empecilho para o amadurecimento de áreas do saber humano, como a história “o relato dos fatos dados como verdadeiros”⁴, em oposição à qual se define. Uma vez que a fábula provê explicações baseadas

² MENEZES, E. Duas posições de Voltaire sobre a história. *Philosophica*, Lisboa, n. 43, p. 59-76, 2014, p. 64. ISSN 2183-0134.

³ VOLTAIRE. *A filosofia da história*. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Projeto Voltaire Vive), 316 p., p. 3.

⁴ Id., ibid., p. 3.

naquilo que não se comprova objetivamente na realidade, como intervenções divinas que asseguram a vitória em batalhas ou o consórcio de deuses e mortais que gera semideuses e heróis, ao ser confundida com a história, ela torna difícil, quando não impossível, distinguir fato de ficção⁵. Ao ser tomada como uma explicação para fenômenos humanos como guerras, alianças políticas ou a elaboração de leis, a fábula compromete a compreensão das causas e processos envolvendo tais fenômenos, e nesse sentido é prejudicial. História e fábula são fundamentalmente diferentes, e para que a história floresça como área designada a encontrar a verdade sobre os fatos e ser útil aos homens, deve ser mantida separada da fábula⁶.

No entanto, no segundo dos casos, a característica essencial da fábula – de ser um relato daquilo que é dado como falso – não é um impedimento para que ela cause um impacto positivo, pois inspira obras de arte e valiosas lições sobre a natureza humana sob a forma de metáforas e alegorias. São instâncias em que a sua natureza fantasiosa não é um defeito a ser corrigido, mas uma característica que permite que ela ofereça um deleite para os sentidos, no campo estético, e ensinamentos particulares, no campo pedagógico. E é nesse ínterim, para além ainda das lições sobre a natureza humana, que a fábula pode se tornar um poderoso instrumento contra as mazelas do fanatismo religioso.

Aqui é preciso esclarecer que esse tipo de fanatismo toma corpo, na obra voltairiana, principalmente na instituição da igreja católica, com o seu poder abusivo que exige uma fé cega nos dogmas por ela apregoados, e que toda discordância em relação à sua palavra seja eliminada – de onde vem a intolerância, que extravasa em perseguições, guerras e massacres – e na superstição e na ignorância, responsáveis pela sobrevida de práticas e crenças retrógradas e, frequentemente, cruéis⁷. Embora Voltaire faça críticas também às

⁵ NASCIMENTO, Voltaire: a razão militante, p. 50.

⁶ Existem casos específicos em que a fábula pode atuar como uma aliada da história, dos quais tratamos em MACHADO, L. P. Voltaire: entre história e fábula, as possibilidades. *Revista Faces da História*, Assis/SP, v. 11, n. 1, p. 245-261, jan./jun., 2024.

⁷ NASCIMENTO, Voltaire: a razão militante, p. 7.

evidências de fanatismo que encontra em religiões não cristãs, seu foco está nas mazelas perpetradas pela religião judaico-cristã, por produzirem os efeitos nefastos que a Europa moderna testemunha, como fica explícito na seguinte passagem do verbete “Fanatismo”, do *Dicionário filosófico*: “O maior exemplo de fanatismo é o dos burgueses de Paris que correram para assassinar, degolar, defenestrar, despedaçar, na noite de São Bartolomeu, seus concidadãos que não iam à missa”⁸. E é precisamente contra esse fanatismo que Voltaire se engaja, como o demonstra seu envolvimento em famosos casos jurídicos envolvendo o assunto na França, os casos Calas⁹, Sirven¹⁰, e La Barre¹¹.

Se os males da “infâmia” se fazem sentir profundamente na época moderna, os remédios para eles vêm da antiguidade; mais especificamente, da antiguidade grega e de suas fábulas. A Grécia antiga foi pródiga em criar fábulas¹², e muitas delas povoaram não apenas o imaginário de homens e mulheres que viveram nos tempos antigos, mas também o imaginário europeu moderno, tais como as de Vênus¹³, das Graças e de Pandora. Essas narrativas, em particular, encerram um sentido profundo para Voltaire, por exemplificarem à perfeição o caráter pedagógico das fábulas, caráter este que se mostra superior à pedagogia eclesiástica. Será primeiramente por meio dessas três fábulas que exploraremos como Voltaire emprega as fábulas gregas na sua retórica anticlerical.

⁸ VOLTAIRE. Verbete “Fanatismo” (*Fanatisme*) In. *Dicionário filosófico*. Tradução de I. C. Benedetti. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2020, 1491p., p. 760. A passagem faz referência ao massacre de protestantes huguenotes encabeçado por católicos na França, em 1572.

⁹ VOLTAIRE. *Traité sur la Tolérance a l'occasion de la-mort de Jean-Calas*. Edição de J. V. D. Heudel. [S.I.] Gallimard, 2016. (*Collection Folio 2* €). Disponível em: <<http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Folio/Folio-2/Sagesse/Traite-sur-la-Tolerance-a-l-occasion-de-la-mort-de-Jean-Calas2>> Acesso em 11 nov. 2024.

¹⁰ MUSÉE PROTESTANT. *L’Affaire Sirven*. Disponível em: <<https://museeprotestant.org/notice/laffaire-sirven/>> Acesso em 11 nov. 2024.

¹¹ VOLTAIRE. *L’Affaire du Chevalier De La Barre precede de L’Affaire Lally*. Edição de J. V. D. Heudel. [S.I.] Gallimard, 2009. (*Collection Folio 2* €). Disponível em: <<http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Folio/Folio-2/L-Affaire-du-chevalier-de-La-Barre-precede-de-L-Affaire-Lally>> Acesso em 11. nov. 2024.

¹² VOLTAIRE, A filosofia da história, p. 122.

¹³ Voltaire utiliza os nomes romanos com mais frequência do que os nomes gregos, de maneira que Vênus corresponde, aqui, a Afrodite.

A pedagogia das fábulas e a pedagogia dos padres

A antiga fábula de Vênus, contada por Hesíodo, acaso não é uma alegoria da natureza inteira? A semente da geração cai do éter na praia: Vênus nasce dessa espuma preciosa; seu primeiro nome é de amante do órgão da reprodução, *Filometes*: haverá imagem mais clara?

Essa Vênus é a deusa da beleza; a beleza deixa de ser digna de amor quando anda sem as Graças; a beleza dá origem ao Amor; o Amor tem setas que atingem os corações; usa uma faixa que esconde os defeitos daquilo que se ama: tem asas, chega depressa e foge também depressa. A sabedoria é concebida no cérebro do senhor dos deuses com o nome de Minerva; a alma do homem é um fogo divino que Minerva mostra a Prometeu; este usa tal fogo divino para animar o homem.

É impossível não perceber nessas fábulas um quadro vivo da natureza inteira¹⁴.

A fábula do nascimento de Vênus, sua relação com as Graças e com o Amor, assim como as fábulas de Minerva (Atena) e Prometeu, explicam aspectos da natureza por meio de imagens fantasiosas, seguindo uma lógica alegórica que é tanto agradável e engenhosa quanto verdadeira¹⁵. Isto é, existe uma combinação de prazer estético e de aprendizado. O mesmo pode ser dito da fábula da caixa de Pandora, “em cujo fundo se encontra o consolo do gênero humano”, que de tão bela e tão verdadeira ultrapassa os limites da antiguidade e retém seu significado atemporal¹⁶.

Quando, no entanto, a igreja faz usos das fábulas pagãs, é de uma maneira que as destitui de seu sentido original em nome de uma educação cristã, em um processo que deforma os personagens para torná-los modelos de virtude. A antiguidade é assim reduzida a “uma escola de belas línguas e um instrumento de edificação, um universo ‘sem drama onde a verdade é dada’¹⁷ e no qual habita o

¹⁴ VOLTAIRE, verbete “Fábula” (*Fable*), *Dicionário filosófico*, p. 749.

¹⁵ Id., *ibid.*, verbete “Alegorias” (*Allégories*), p. 55.

¹⁶ Id., *ibid.*, verbete “Fábula” (*Fable*), p. 751.

¹⁷ “Réduire le monde antique à n’être qu’une école de beau langage et un instrument d’édification, un univers ‘sans drame où la vérité est donnée’, qui habite au respect de l’ordre

respeito pela ordem instituída”¹⁸. E não por acaso, essa prática é alvo da ironia de Voltaire. Em seu conto *O Ingênuo*, ele ridiculariza o que os jesuítas fazem a um famoso semideus, na passagem em que o protagonista, um jovem hurão, é batizado:

Deu-se o nome de Hércules ao batizado. O bispo de Saint-Malo inquiria o tempo todo sobre quem era este padroeiro do qual nunca havia ouvido falar. O jesuíta, que era muito erudito, lhe disse que se tratava de um santo que havia feito doze milagres. Havia um décimo terceiro que valia pelos outros doze, mas que não convinha ao jesuíta falar; era o de haver transformado cinquenta donzelas em mulheres em uma única noite. Um engraçadinho que lá se encontrava gabou-se entusiasticamente deste milagre. Todas as damas baixaram os olhos, e julgavam pela fisionomia do Ingênuo que este era digno do santo do qual trazia o nome¹⁹.

O Hércules (ou Héracles) original é “tolhido” até se tornar uma figura aceitável para os propósitos cristãos, mas quem conhece as fábulas gregas percebe que a igreja falha comicamente ao transforma-lo em santo milagreiro. E esse não é o único ponto em que os antigos gregos e os modernos cristãos divergem na sua abordagem das fábulas; há outro, fundamental para entender a crítica do filósofo francês não apenas à igreja, mas ao cristianismo como um todo. Trata-se da diferença entre fábula e dogma.

Para Voltaire, tanto Hércules e seus doze trabalhos quanto Moisés conduzindo o povo de Israel pelo deserto durante quarenta anos são igualmente fantasiosos: não há possibilidade de que nenhuma dessas narrativas seja verídica.

établi”. SNYDERS, G. *La Pédagogie en France aux dix-septième et dix-huitième siècles*. Paris, 1965, p. 82-83, tradução nossa.

¹⁸ MAT-HASQUIN, M. *Voltaire et l’antiquité grecque. Studies on Voltaire and the Eighteenth Century*, n. 197. Oxford: The Voltaire Foundation, 1981, 324 p., p. 22.

¹⁹ “On avait donné le nom d’Hercule au baptisé. L’évêque de Saint-Malo demandait toujours quel était ce patron dont il n'avait jamais entendu parler. Le jésuite, qui était fort savant, lui dit que c'était un saint qui avait fait douze miracles. Il y en avait un treizième qui valait les douze autres, mais dont il ne convenait pas à un jésuite de parler; c'était celui d'avoir changé cinquante filles en femmes en une seule nuit. Un plaisant qui se trouva là releva ce miracle avec énergie. Toutes les dames baissèrent les yeux, et jugèrent à la physionomie de l'Ingénue qu'il était digne du saint dont il portait le nom”. VOLTAIRE. *L'Ingenu*. In. *Romans. Préfaces, Avertissements, Notes, etc.* par M. Beuchot. Paris: Librairie Lefèvre, 1829. (Oeuvres de Voltaire), tome 1, 121 p., p. 33, tradução nossa. Disponível em: <http://www.bouquineux.com/pdf/Voltaire-L_Ingenu.pdf> Acesso em: 11 nov. 2024.

A narrativa judaico-cristã – incluindo-se aí a ideia de um deus feito homem na figura de Jesus – é um conjunto de fábulas tal qual as fábulas gregas²⁰. A diferença entre os dois tipos de fábula é que se ordena acreditar nas fábulas cristãs como verdades absolutas e inquestionáveis. Ou seja, a fábula se torna dogma.

É a partir daí que se constrói a narrativa de que existe apenas uma verdade, e que há consequências terríveis para quem diverge dessa verdade, seja para os que não são cristãos, como os pagãos, ou para os que, tendo sido criados cristãos, escolhem caminhos fora dos dogmas da igreja católica, como os protestantes. É a petrificação da fábula em dogma, aliada ao poder do clero, que permite horrores como a Inquisição ou o martírio de Jean Calas.

É para fazer a contraposição a isso que Voltaire diz, sobre a história da caixa de Pandora: “Nada é mais encantador do que esta origem para os nossos sofrimentos. Mas há ainda algo bem mais estimável nesta história de Pandora. Ela tem um mérito do qual, me parece, não falamos, o de que jamais se ordenou acreditar nela”²¹. A fábula de Pandora, assim como as outras fábulas aqui citadas, se mantém como uma verdade poética. Não se exige que ela seja tomada como um ensinamento divino e literal sobre o mundo, muito menos que haja punição para quem duvidar da sua suposta realidade, e aí reside a sua beleza maior. Os antigos gregos permitiram que a fábula fosse fábula, sem transformá-la em dogma. Eles estavam livres de um “... dogmatismo ultrajante que transforma a fábula em palavra sagrada, eles viram nela a poesia e não a palavra de Deus”²².

²⁰ NASCIMENTO, Voltaire: a razão militante, p. 47.

²¹ VOLTAIRE. Cap. XVII: Des romans inventés pour deviner l'origine du mal In. Il faut prendre un parti. OEuvres complètes. Edição de L. Moland. Paris [s.n.], 1777-85, t. XXVIII, 52 vols, p. 538, tradução nossa.

²² “... les Grecs n'ont pas connu ce dogmatisme outrancier qui transforme la fable en parole sacrée, ils y ont vu de la poésie et non la parole de Dieu”. TROUSSON, R. Voltaire et la mythologie. Bulletin de l'Association Guillaume Budé, n. 2, p. 222-229, jun/1962, p. 228. ISSN 2802-3080, tradução nossa.

O resultado de tirar a fábula de sua poesia para torna-la lei divina é fabricar uma mentira – e na mentira sempre há uma intenção²³, ou seja, os religiosos cristãos deliberadamente mudam a natureza da fábula em nome dos seus propósitos – e uma mentira que tem o poder de dispor das vidas humanas. Ela não instrui, não revela verdades sobre a natureza do homem ou do mundo, e ainda estimula rivalidades sanguinárias entre os homens em nome de uma suposta vontade divina. A fábula cristã é, a um só tempo, mentirosa e violenta.

Quereis agora, bem-aventurados legendários,
O porco de Santo Antônio e o cão de São Roque,
Vossas relíquias, vossos escapulários,
E a touca de Úrsula e a imundície das calças:
Colocai a *Fleur des saints* ao lado de um Homero:
Ele mente, mas é um grande homem; ele mente, mas sabe agradar.
Tolamente vós haveis mentido:
Por meio dele o espírito humano se esclarece:
E, se cremos em vós, ele seria embrutecido²⁴.

A fábula cristã tem, ainda, o defeito de não ser agradável. Não só os cristãos, ao se apropriarem das fábulas gregas, o fazem de uma maneira no mínimo questionável (Hércules que o diga), como também ao criarem as suas próprias fábulas sofrem de uma notável falta de criatividade e de talento, afinal, a história da maçã no jardim do Éden não passa de uma cópia malfeita da caixa de Pandora²⁵. Se Homero “mente, mas sabe agradar”, as fábulas cristãs, por outro lado, mentem e “embrutecem” o espírito humano. Se Homero provoca reflexões

²³ VOLTAIRE, verbete “Falsidade” (*Fausseté*), *Dicionário filosófico*, p. 755.

²⁴ “Vantez -nous maintenant, bienheureux légendaires,

Le porc de saint Antoine et le chien de saint Roch,

Vos reliques, vos scapulaires,

Et la guimpe d'Ursule et la crasse du froc;

Mettez la Fleur des saints à côté d'un Homère:

Il ment, mais en grand homme; il ment, mais il sait plaire.

Sottement vous avez menti;

Par lui l'esprit humain s'éclaire;

Et, si l'on vous croyait, il serait abruti” VOLTAIRE. *Apologie de la fable*. In. *OEuvres complètes de Voltaire*. Edição de L. Moland. Paris: Garnier, 1877-1885, tome 9, *tradução nossa*. Disponível em: <<https://artflsrv03.uchicago.edu/philologic4/toutvoltaire/navigate/596/1/>>

Acesso em 27. nov. 2024.

²⁵ VOLTAIRE. *Discours de l'empereur Julien*. In. *OEuvres completes*. Edição de L. Moland. Paris [s.n.], 1777-85, t. XXVIII, 52 vols., p. 48, nota 2.

sobre a selvageria da guerra, e como ela ainda assim não suplanta a humanidade compartilhada de Aquiles e Príamo²⁶, as fábulas cristãs estimulam a obediência cega, como na fábula de Jó, e a falta de clemência para com os inimigos conquistados, como na narrativa da tomada de Jericó, na qual apenas Raabe sobrevive (por ajudar os israelitas) e até crianças e velhos são mortos²⁷.

Contra o espírito embrutecido dos cristãos, a poesia dos pagãos. É assim que as fábulas pagãs, de maneira geral, e especificamente as gregas, podem, se bem usadas, serem alternativas a ideias que condicionam o pensamento do homem e acabam por torná-lo inflexível, intolerante e fanático.

Voltaire acusa, também, a iniciativa de alguns setores cristãos de eliminar toda as menções às fábulas pagãs, inclusive no campo das artes, sob o pretexto de que o uso de criações pagãs em pinturas, óperas ou poesias é um estímulo à idolatria. Essa seção, do verbete “Fábula”, se intitula justamente “Sobre alguns fanáticos que quiseram proscrever as fábulas antigas”, e denuncia o caráter raso desse argumento: apreciar a arte com temáticas pagãs não torna ninguém idólatra. O único poder que as fábulas capazes de inspirar obras como a ópera *Prosérpina* ou a pintura das núpcias de Psiquê possuem é o de “formar o gosto”²⁸, ou seja, educar os sentimentos de seu público para que ele possa discernir as belezas e os defeitos das artes, criando uma sensibilidade fina em relação ao que é bom e ao que não é²⁹. Não há motivo, portanto, que justifique tirar as fábulas das artes. “... seria triste queimar Ovídio, Homero, Hesíodo, todas as nossas belas tapeçarias, nossos quadros e nossas óperas: muitas fábulas, afinal, têm muito mais filosofia do que esses senhores”³⁰.

Até aqui vimos como Voltaire aponta os benefícios das fábulas pagãs, todas elas de origem grega, para a instrução dos homens – seja por meio de lições

²⁶ HOMERO. Canto XXIV. In. *Ilíada*. Tradução, posfácio e notas de T. Vieira; ensaio de S. Weil. 1^a. edição. São Paulo: Editora 34, 2020. 1048 p.

²⁷ BÍBLIA. Js. 6:21-23 In. *Bíblia Online Almeida Fiel Corrigida*. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/6/23+>>> Acesso em 11 nov. 2024.

²⁸ VOLTAIRE, verbete “Fábula” (*Table*), *Dicionário filosófico*, p. 752.

²⁹ Id., *ibid.*, verbete “Gosto” (*Goût*), p. 876.

³⁰ Id., *ibid.*, verbete “Fábula” (*Table*), p. 751.

poéticas sobre a condição humana ou pela formação do gosto através das artes – e como isso é feito em oposição às fábulas cristãs, a sua pedagogia falha e o seu efeito de colocar os homens uns contra os outros ao prometer castigos divinos para aqueles que divergirem da palavra sagrada. Veremos agora uma outra forma, mais específica, através da qual o filósofo aciona as fábulas gregas contra o fanatismo religioso cristão no campo das artes: a sua peça de teatro *OEdipe*, uma releitura do *Édipo Rei* de Sófocles.

O Édipo de Voltaire: uma releitura anticlerical

Antes que passemos à análise do *OEdipe* propriamente dita, é necessário trazer alguns apontamentos sobre a relação de Voltaire com o Édipo sofociano. Assim como muitos de seus contemporâneos, o filósofo não tinha conhecimento suficiente de grego para ler os textos originais, de maneira que dependia do acesso a traduções³¹. Um dos tradutores notáveis do grego era André Dacier, cuja tradução de *Édipo Rei* acaba por influenciar Voltaire na sua releitura da tragédia escrita por Sófocles.

E é um detalhe específico da tradução de Dacier que parece ter profundas consequências nessa releitura: no verso 18 da peça, Tirésias se apresenta a Édipo como “o Grande Sacerdote de Júpiter” (“*le grand Prêtre de Jupiter*”). O termo “Grande Sacerdote” (ou talvez “Sumo Sacerdote”) acaba por ter um sentido equivalente ao do sacerdote dos israelitas, e leva Voltaire a escrever o seu *OEdipe* com um tom anticlerical – que é bem expresso em uma fala de Jocasta que, ao saber sobre a profecia que envolve Édipo, diz:

Nossos sacerdotes não são outra coisa além do que um povo inútil pensa,
Nossa credulidade faz deles toda a Ciência³².

³¹ MORDRELLE, H. De l'*OEdipe Roi* de Sophocle à l'*OEdipe* de Voltaire: l'*histoire et les enjeux d'une réécriture*. In. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n°1, p. 210-225, 2010, p. 211. ISSN 2802-3080.

³² “Nos prêtres ne sont pas ce qu'un vain peuple pense,
Notre crédulité fait toute leur Science”. VOLTAIRE, *OEdipe*, 951-952. In. *Œuvres de 1711-1722 (I)*. Ed. D. Jory e J. Renwick. Oxford: Voltaire Foundation, 2001 (Coleção *Oeuvres complètes*, vol. 1A), *tradução nossa*.

Em outra passagem, quando é desvendada a identidade de Édipo, o Coro eleva a voz contra as “funestas bençãos” dos deuses:

Deuses! É assim então que acaba a vossa ira? Recuperai, recuperai as vossas funestas bençãos,
Cruéis! Teria sido melhor que nos punissem eternamente³³.

É digno de nota que a tradução de Dacier tenha um tom que vai na direção oposta da peça de Voltaire, uma vez que há nela uma noção de culpa cristã. Afirma Dacier sobre a estrutura de *Édipo Rei*: “A primeira [parte] é o reconhecimento de Édipo, pois é preciso que o assassino de Laïus seja reconhecido e a última, é a punição do Príncipe”³⁴. O tradutor, assim como Plutarco, atribui à curiosidade de Édipo um caráter doentio e propõe que a sua falta de controle anula quaisquer chances que tenha de ser feliz³⁵. A culpa de Édipo reside não no incesto e no parricídio, que são involuntários, mas no que o leva a cometer tais crimes: a sua curiosidade, temeridade e violência³⁶. A culpa cristã, por sua vez, aparece em alguns comentários de Dacier sobre a peça. No terceiro *stasimon*, quando o Coro diz:

[...] e quando [a desmedida] é elevada ao ponto mais alto, eis que de repente se afunda em um precipício fatal³⁷”

O comentário é o seguinte:

A paciência do Deus os convida ao arrependimento; mas uma vez que a injustiça [dos homens] alcançou o seu derradeiro auge, ela degenera em uma fatal necessidade, isto é, que seu fim é irrevogável, e que não podem evitar as desgraças que mereceram³⁸.

³³ “Dieux! Est-ce donc ainsi que finit votre haine?

Reprenez, reprenez vos funestes bienfaits;

Cruels! Il valait mieux nous punir à jamais”. Id., *ibid.*, 1372-1374, tradução nossa.

³⁴ SOPHOCLE. OEdipe et Electre de Sophocle, tragédies grecques traduites en français avec des remarques par André Dacier. Paris: Gallica, 1692, p. 225, tradução nossa.

³⁵ MORDRELLE. De l'OEdipe Roi de Sophocle à l'OEdipe de Voltaire: l'histoire et les enjeux d'une réécriture, p. 219.

³⁶ ARISTOTE. La Poétique, traduite en français avec des remarques critiques sur tout l'ouvrage par André Dacier. Hildesheim; New York: G. Olms, 1976, p. 192, tradução nossa.

³⁷ “et lorsque [la démesure] est montée au plus haut, sur le faîte, la voilà soudain qui s'abîme dans un précipice fatal”. SOPHOCLE. OEdipe Roi, 876-877. Paris: Les Belles Lettres, 1994, tradução nossa.

³⁸ “La patience du Dieu les invite à la repentance; mais lorsque l'injustice [des hommes] est parvenue à son dernier comble, elle dégénère en une fatale nécessité, c'est-à-dire, que leur arrêt

A religião cristã serve como um pano de fundo em comum para Dacier e Voltaire imprimirem os seus sentidos ao Édipo sofociano – com a diferença capital de que, ao passo que Édipo é culpado para o primeiro, ele é inocente para o segundo. Se, na leitura de Dacier, os deuses dispõem de uma misericórdia que é desprezada pelos homens, que são injustos, na releitura de Voltaire a injustiça e perversidade são dos deuses, e tanto Édipo quanto Jocasta são forçados pelo destino a fazerem o que fazem, de maneira que só lhes resta vociferar contra a arbitrariedade divina. Jocasta expressa bem essa dor, logo antes de cometer suicídio:

Honrai minha pira, e sonhai sempre
Que em meio aos horrores de um destino que me oprime,
Eu fiz enrubescer os deuses que me forçaram ao crime³⁹.

Curiosamente, apesar das posturas opostas que os dois autores assumem em relação à culpa ou à inocência de Édipo, e da distância entre as suas interpretações e o sentido dado por Sófocles à sua tragédia – a do rei e herói caído em desgraça porque, mesmo tendo olhos, não conseguiu enxergar a verdade sobre si próprio – em ambos os casos a questão central parece girar não em torno das ações de Édipo, mas de saber se os desígnios divinos são justos ou não. Escrevendo em uma Europa moderna e cristã, Dacier e Voltaire estão em contato com os debates sobre a natureza de Deus, a sua vontade em relação aos homens, e o lugar do livre-arbítrio nas ações humanas, debates que vêm desde a segunda metade do século XVII, como nos lembra Mordrelle:

[...] jansenistas e jesuítas se opunham em relação à capacidade do pecador de se salvar. O Édipo de Voltaire foi composto em meio a essa controvérsia teológica e a peça tem um laço estreito com a realidade teológica. Este deus terrível, funesto com os

est irréversible, et qu'ils ne peuvent éviter les malheurs qu'ils ont mérités". SOPHOCLE. OEdipe et Electre de Sophocle, tragédies grecques traduites en français avec des remarques par André Dacier, p. 200, tradução nossa.

³⁹ "Honorez mon bûcher, et songez à jamais
Qu'au milieu des horreurs du destin qui m'opprime,
J'ai fait rougir les dieux qui m'ont forcée au crime" VOLTAIRE, OEdipe, 1406-1408, tradução nossa.

inocentes, que Voltaire recusa, não é outro senão o deus vingativo do Antigo Testamento e da religião jansenista⁴⁰.

Assim, não é estranho que o deus judaico-cristão apareça transfigurado nos deuses cultuados por Édipo, e que para Dacier e Voltaire importe tanto responder às dúvidas que não foram postas por Sófocles, mas por seu próprio tempo. O que está em jogo é se ações de Deus em relação aos homens são justas e benevolentes ou não, e o palco é a história de Édipo. Uma vez mais, a antiguidade grega, por meio de suas fábulas, oferece um meio para debater as questões religiosas que são caras aos modernos – e para Voltaire, a tragédia de Édipo é mais um veículo para afirmar as suas convicções anticlericais e a recusa de um Deus cruel e vingativo.

Conclusão: Voltaire, as fábulas e *l'infâme*

A variedade de recursos empregada por Voltaire para combater a “infâmia” e os seus abusos compreende diferentes tipos de literatura, incluindo verbetes filosóficos, ensaios, tratados – veja-se o *Tratado sobre a tolerância* – e a literatura fantasiosa no formato das fábulas, em especial as fábulas da antiguidade grega. Se em circunstâncias que envolvem o trabalho historiográfico a presença delas deve ser evitada, por representar uma antítese do que deve ser a história, no campo do combate ao fanatismo, à intolerância e suas mazelas elas são mais do que benvindas, por representarem um tipo de sabedoria que não petrifica verdades poéticas em dogmas e um palco em que se pode colocar em xeque a tese de que a divindade só se ocupa de punir os homens, que em sua pequenez e arrogância não merecem a misericórdia que vem dos céus.

⁴⁰ “(...) jansénistes et jésuites s’opposent sur la capacité du pêcheur à faire son salut. L’OEdipe de Voltaire a été composé au milieu de cette controverse théologique et la pièce est en lien étroit avec l’actualité théologique. Ce dieu terrible, funeste à l’innocent, que Voltaire refuse, n’est autre que le dieu vengeur de l’Ancien Testament et de la religion janseniste”. MORDRELLE, De l’OEdipe Roi de Sophocle à l’OEdipe de Voltaire: l’histoire et les enjeux d’une réécriture, p. 225, tradução nossa.

Tal uso das fábulas gregas se dá não apenas através da interpretação que Voltaire atribui a elas em seus próprios contextos, como faz ao dizer que a beleza da fábula de Pandora está no fato de que os gregos nunca foram obrigados a acreditar em sua veracidade, mas também das suas releituras que adaptam antigos enredos a uma noção moderna de religiosidade, como é o caso do seu *OEdipe*. Por meio de seus Édipo e Jocasta, Voltaire extravasa o seu descontentamento com uma religião tirana, encabeçada não pelos sacerdotes da peça de Sófocles, mas pelos padres de seu próprio tempo, representantes de deuses (ou, antes, de um Deus) que em nada se interessa pelo bem dos homens. Religião que, no mais sangrento de seus extremos, provoca o cegamento de Édipo e o suicídio de Jocasta.

Se é com a exortação da rainha de Tebas que se encerra a peça, para que sempre seja recordado que a sua atitude drástica faz com que os deuses se envergonhem dos crimes que imputam aos humanos, é com a exortação a fazer com que *l'infâme* seja esmagada pelos seus crimes que Voltaire mobiliza todos os recursos possíveis, inclusive as liberdades artísticas no domínio da ficção, usando fábulas gregas para ensinar lições às fábulas cristãs. Diante da realidade crua do fanatismo religioso, o recurso a essas fábulas não tem menor potência, visto que é na sua forma livre do dogmatismo que se encontra um poderoso antídoto para o pensamento embrutecido. Nesse sentido, as antigas fábulas gregas mostram à história moderna e europeia que outra perspectiva é possível – e necessária. Uma em que as verdades sobre o mundo, o homem e a divindade não são dogmas endurecidos que ordenam perseguições ou massacres, mas uma poesia que enriquece a vida humana.

Recebido em: 24/12/24 – Aceito em: 05/02/25

Referências bibliográficas

Obras de Voltaire

VOLTAIRE. *A filosofia da história*. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (Projeto Voltaire Vive), 316 p.

VOLTAIRE. *Apologie de la fable*. In. *OEuvres complètes de Voltaire*. Edição de L. Moland. Paris: Garnier, 1877-1885, tome 9. Disponível em: <<https://artflsrv03.uchicago.edu/philologic4/toutvoltaire/navigate/596/1/>> Acesso em 27. nov. 2024.

VOLTAIRE. Verbetes “Alegorias” (*Allégories*); “Fábula” (*Fable*); “Falsidade” (*Fausseté*); “Fanatismo” (*Fanatisme*) e “Gosto” (*Goût*) In. *Dicionário filosófico*. Tradução de I. C. Benedetti. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2020. 1491 p.

VOLTAIRE. *Discours de l'empereur Julien*. In. *OEuvres completes*. Edição de L. Moland. Paris [s.n.], 1777-85, t. XXVIII, 52 vols.

VOLTAIRE. Cap. XVII: Des romans inventés pour deviner l'origine du mal In. Il faut prendre un parti. *OEuvres completes*. Edição de L. Moland. Paris [s.n.], 1777-85, t. XXVIII, 52 vols.

VOLTAIRE. *L'Affaire du Chevalier De La Barre precede de L'Affaire Lally*. Edição de J. V. D. Heudel. [S.I.] Gallimard, 2009. (Collection Folio 2 €). Disponível em: <<http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Folio/Folio-2/L-Affaire-du-chevalier-de-La-Barre-precede-de-L-Affaire-Lally>> Acesso em 11 nov. 2024.

VOLTAIRE. *L'Ingenu. Préfaces, Avertissements, Notes, etc. par M. Beuchot*. In. *Romans*. Paris: Librairie Lefèvre, 1829, (*Oeuvres de Voltaire*), tome I, 121p. Disponível em: <http://www.bouquineux.com/pdf/Voltaire-L_Ingenu.pdf> Acesso em: 11 nov. 2024.

VOLTAIRE. *OEdipe*. In. *Oeuvres de 1711-1722 (I)*. Edição de D. Jory e J. Renwick. Oxford: Voltaire Foundation, 2001 (Coleção *Oeuvres complètes de Voltaire*, vol. 1A).

VOLTAIRE. *Traité sur la Tolerance a l'occasion de la-mort de Jean-Calas*. Edição de J. V. D. Heudel. [S.I.] Gallimard, 2016. (Collection Folio 2 €). Disponível em: <<http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Folio/Folio-2/Sagesse/Traite-sur-la-Tolerance-a-l-occasion-de-la-mort-de-Jean-Calas2>> Acesso em 11 nov. 2024.

Demais obras consultadas

ARISTOTE. *La Poétique*, traduite en français avec des remarques critiques sur tout l'ouvrage par André Dacier. Hildesheim; New York: G. Olms, 1976.

BÍBLIA. Js. 6:21-23 In. *Bíblia Online Almeida Fiel Corrigida*. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/ja/6/23>> Acesso em 11 nov. 2024.

HOMERO. Canto XXIV. In. *Ilíada*. Tradução, posfácio e notas de T. Vieira; ensaio de S. Weil. 1ª. edição. São Paulo: Editora 34, 2020. 1048 p.

MAT-HASQUIN, M. Voltaire et l'antiquité grecque. *Studies on Voltaire and the Eighteenth Century*, n. 197. Oxford: The Voltaire Foundation, 1981. 324 p.

MENEZES, E. Duas posições de Voltaire sobre a história. *Philosophica*. Lisboa, n. 43, p. 59-76, 2014. ISSN 2183-0134.

MORDRELLE, H. De l'Œdipe Roi de Sophocle à l'Œdipe de Voltaire: l'histoire et les enjeux d'une réécriture. In. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n.1, p. 210-225, 2010. ISSN 2802-3080.

MUSÉE VIRTUEL DU PROTESTANTISME. *L'Affaire Sirven*. Disponível em: <<https://museeprotestant.org/notice/laffaire-sirven/>> Acesso em: 11 nov. 2024.

NASCIMENTO, M. G. S. *Voltaire: a razão militante*. 4ª. edição. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Logos). 111 p.

SNYDERS, G. *La Pédagogie en France aux dix-septième et dix-huitième siècles*. Paris, 1965.

SOPHOCLE. Œdipe Roi. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

SOPHOCLE. Œdipe et Electre de Sophocle, tragédies grecques traduites en français avec des remarques par André Dacier. Paris: Gallica, 1692.

TROUSSON, R. Voltaire et la mythologie. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n. 2, p. 222-229, jun/1962. ISSN 2802-3080.